

Autonomia para o adolescente

Com uma história cheia de amor e significado, Deolinda Maria Lopes da Rocha e Taciana Rocha, mãe e filha, criaram o Instituto EducaTEA, um espaço em que adolescentes e adultos no espectro autista e com deficiência intelectual (DI) são verdadeiramente acolhidos. Um ambiente real e seguro, onde eles podem praticar atividades do dia a dia e conquistar autonomia — algo essencial para uma vida plena e independente.

A ideia de criar a organização surgiu após o nascimento de Eduardo, filho de Taciana e neto de Deolinda. Com o crescimento do jovem, hoje com 19 anos, a mãe começou a perceber diferenças sutis entre ele e o irmão gêmeo e entendeu que havia algo a ser diagnosticado. A partir do diagnóstico de autismo, a família decidiu fundar o instituto, que atualmente conta com uma vertente voltada para adolescentes e jovens adultos, o EducaTeens.

O instituto funciona de forma organizada todas as terças e quintas, no Clube Ascade, em Brasília, com o apoio de uma equipe multidisciplinar formada por psicopedagogos, psicólogos, fisioterapeutas, psicomotricistas e nutricionistas. As atividades oferecidas incluem oficinas profissionalizantes, de culinária, atividades sensoriais, habilidades básicas, artes, habilidades sociais e diversos esportes. A instituição também realiza passeios semanais e colônias de férias.

“Nossa proposta é despertar o potencial de cada um por meio de oficinas, que são fundamentais para a independência e a interação social. E, como avó e mãe que somos, a segurança é nossa prioridade absoluta. Por isso, cada participante é acompanhado de perto por um profissional, garantindo um ambiente de confiança”, explica Deolinda.

EducaTEA

O EducaTEA conta com apoio de psicopedagogos, psicólogos, fisioterapeutas, psicomotricistas e nutricionistas



Eduardo tem 19 anos e é diagnosticado com autismo



Durante as atividades, que são alinhadas aos objetivos familiares e voltadas ao desenvolvimento de habilidades e autonomia, cada grupo conta com até cinco adolescentes e um profissional responsável pela oficina. O planejamento é feito com base nos objetivos terapêuticos e todos os encontros têm registros qualitativos e quantitativos para acompanhar a evolução dos participantes.

Embora o instituto desenvolva nos autistas uma autonomia essencial para facilitar a vida em sociedade, Deolinda afirma que a população em geral ainda precisa aprender a conviver com pessoas atípicas e a enxergar que elas têm o direito de participar da vida cotidiana como qualquer outra.

“As pessoas precisam compreender que autistas são sujeitos de direitos e merecedores de uma vida com mais oportunidades. Vemos olhares que se desviam quando eles pulam ou falam alto. Esse afastamento nasce da falta de informação. A maior contribuição que podemos oferecer é o conhecimento, apoiar as famílias, combater a desinformação e desarmar o preconceito. Porque uma sociedade que inclui e respeita a diversidade não é apenas mais justa para eles, ela se torna mais humana para todos nós”, conclui.



Importância da identificação

Para facilitar a rotina e tornar a sociedade mais acolhedora, o uso de colares de identificação é uma ferramenta importante. Eles ajudam a sinalizar, em locais públicos, como aeroportos, supermercados, escolas e serviços de saúde, que aquela pessoa pode precisar de mais tempo, paciência ou um suporte diferenciado.

Atualmente, existem três variações desses cordões: o de girassóis, o de símbolo do infinito colorido e o de quebra-cabeça. Cada um deles carrega um significado e um objetivo específico.

O cordão de girassóis foi criado para identificar pessoas com deficiências não aparentes, que muitas vezes enfrentam julgamentos por comportamentos atípicos ou dificuldades específicas. Ele é utilizado por pessoas com autismo, TDAH, epilepsia, fibromialgia, transtornos de ansiedade e outras condições que não são visíveis a olho nu.

O símbolo do infinito colorido representa a neurodiversidade como um todo. Ele valoriza as diferenças e reconhece que existem múltiplas formas de funcionamento do cérebro, defendendo o direito de todas as pessoas serem compreendidas em sua singularidade. Esse cordão é usado por pessoas com TEA, TDAH, dislexia, discalculia e transtornos do processamento sensorial.

Já o quebra-cabeça simboliza a complexidade, a singularidade e os diferentes perfis dentro do espectro autista. Muitas crianças e adultos com autismo continuam se identificando com ele por costume, carinho ou representatividade.

Sofia Rezende de Castro, autista, reforça a importância desses cordões. Segundo ela, ao vê-los, a maioria das pessoas tende a ser mais compreensiva e colaborativa, especialmente prestadores de serviços ou pessoas com pouco conhecimento sobre TEA ou outras deficiências ocultas. “Comecei a usar há pouco tempo, mas já tem me ajudado muito”, conta.

Ela observa, no entanto, que ainda há olhares preconceituosos. Por isso, acredita que a utilização dos cordões é essencial, pois ajuda outras pessoas a compreenderem comportamentos que poderiam ser julgados sem o colar. Sofia ressalta que, para adultos, o uso é ainda mais crucial, já que, no ambiente de trabalho, a compreensão tende a ser menor.